

# Sobre o mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai e um possível diálogo com a narrativa do Gênesis bíblico

## About the myth of creation of the Mbyá-Guarani of Paraguay and an interreligious dialogue with biblical Genesis

Roberto Ervino Zwetsch<sup>1</sup>  
Sandro Gallazzi<sup>2</sup>

### Resumo

Neste artigo, vamos primeiro apresentar fragmentos do mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai, recolhidos de forma inédita pelo pesquisador paraguaio León Cadogan, em meados do século XX, texto de indiscutível sabedoria. Num segundo passo do artigo, buscamos estabelecer alguns pontos para o diálogo com a tradição judaico-cristã do Gênesis bíblico, de tal modo que, ao final, se possa traçar algumas pautas de mútuo aprendizado e continuidade nessa aproximação às palavras fundamentais que guardam para toda a humanidade os mistérios do sagrado da existência.

### Palavras-chave

Mito da criação dos guarani. Gênesis bíblico. Diálogo inter-religioso.

### Abstract

In this article we will present first some fragments of the myth of creation from the Mbyá-guarani tradition of Paraguay, collected originally by the researcher León Cadogan from Paraguay, in the middle of the 20th century. It is one text of unquestionable indigenous wisdom. In the second part of the article, we seek to establish some topics for the dialogue with the Judeo-Christian tradition of the biblical Genesis, so we can maybe see at the end some themes of mutual learning and continued approach to the fundamental words which keep for all humanity the mysteries of the sacred existence.

### Keywords

The myth of creation of the Guarani. Biblical Genesis. Interreligious dialogue.

## INTRODUÇÃO

O presente texto é, em verdade, um gesto modesto de gratidão e reconhecimento ao extraordinário trabalho de investigação, pesquisa e escuta reverente realizado por León Cadogan junto a muitos sábios dos mbyá-guarani do Paraguai, com quem ele teve contato permanente por muitos anos, entre as décadas de 1940 e 1950, especialmente na região do Guairá, oriente daquele país, entre o rio Vacaria, Brasil e o rio Uruguai. Cadogan foi um autodidata que

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Mestre em Missiologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Bacharel em Teologia pela Faculdades EST. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. Contato: [rezwetsch@gmail.com](mailto:rezwetsch@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharel em Teologia pelo Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras (PIME). Membro do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Contato: [gallazzi46@gmail.com](mailto:gallazzi46@gmail.com).

desenvolveu sua pesquisa sem as amarras da investigação acadêmica. Não obstante, é admirável o que ele realizou em termos de revelar o conhecimento guarani ao qual teve acesso privilegiado. Por isso, o resultado de suas pesquisas apresentado em publicações hoje clássicas para conhecer o povo guarani, sua cosmovisão e pensamento sagrado não nos deve surpreender. Há fundadas razões para isso, como vamos demonstrar em seguida. Ao mesmo tempo, ele nos desafia a tecer os fios de um diálogo possível com as narrativas judaicas mais antigas como temos no Gênesis bíblico, textos que marcaram a tradição cristã e a história de nossas igrejas e sociedades.

Partindo da premissa de que voltar a esses textos nos tornam mais fiéis ao sentido da vida e da fé dos povos, e com o intuito de estabelecer um diálogo entre a narrativa judaico-cristã do Gênesis bíblico e a sabedoria guarani, com um enfoque intercultural, pareceu-nos importante considerar na primeira parte do texto este material empírico da maior relevância no campo da mitologia da Ameríndia. Uma razão evidente é que ele é fruto de uma prática antropológica séria e fidedigna. Ao mesmo tempo, considerando o propósito desta publicação, seria uma forma adequada para colaborarmos para uma reavaliação das espiritualidades que os textos nos oferecem e que nos inspiram nos caminhos do diálogo ecumênico e intercultural, cada dia mais urgente e necessário.

No que se refere ao tema deste artigo, no livro publicado pela primeira vez em 1959, no Brasil, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com o apoio do antropólogo brasileiro Egon Schaden, León Cadogan narra a história de como chegou a conhecer esses textos que, segundo ele, correspondem a “tradiciones secretas de los mbyá” (CADOGAN, 1997, p. 14).<sup>3</sup> Cadogan só teve acesso a esses mitos, narrados por diferentes sábios indígenas, porque estabeleceu com eles uma relação que foi além de uma simples amizade. Escreve ele que, depois de tecer relações permanentes com várias comunidades e mostrar seu interesse invulgar para conhecer melhor sua língua e suas tradições espirituais, tornou-se uma espécie de *defensor* dessa etnia, conseguindo junto às autoridades do país que se fizesse justiça diante das reivindicações indígenas. Em recompensa, os sábios indígenas decidiram introduzi-lo no conhecimento de seus textos sagrados. Depois que Cadogan conseguiu reunir um considerável acervo de importantes materiais sobre a cosmovisão indígena, começou a publicar uma série de artigos desde 1945. Nesse tempo, ele havia se tornado como uma espécie de tutor *ad honorem* desta etnia no Paraguai.

Em contato com o cacique Pablo Vera, um de seus principais informantes, soube da prisão de Mario Higino numa cadeia regional. Depois de conseguir sua liberdade, Higino questionou o cacique se já teria comentado com Cadogan sobre o *ayvu rapyta*, isto é, sobre a origem da linguagem humana. Como a resposta foi negativa, Higino perguntou outra vez ao

---

<sup>3</sup> Aqui nos valem desta terceira edição que é a mais atual e revisada pelo especialista da mitologia guarani, Bartomeu Melià. Quando nos referirmos a esta publicação, simplesmente vamos colocar a página mencionada, para não ser necessário mencionar a mesma fonte de forma recorrente.

líder da comunidade se ele tinha falado com Cadogan sobre os hinos sagrados da origem do mundo. Diante de nova resposta negativa, Higinio perguntou ao cacique se Cadogan já seria merecedor de que se falasse a ele sobre as *ñe'é porã tenonde*, quer dizer, “las primeras palabras hermosas”, porque, disse ele, os favores que os mbyá deviam a Cadogan o tornaram merecedor de que fosse considerado como membro da etnia. Nas palavras do indígena guarani: Cadogan es “nuestro compatriota, miembro genuino del asiento de nuestros fogones” (p. 16). Cadogan complementa este especial relato com as seguintes palavras: “Esta fue la manera en que inicié en las tradiciones secretas de los mbyá, después de muchos años de relaciones amistosas con ellos, en todo cuyo lapso no había escuchado una sola palabra que hiciera sospechar siquiera la existencia de tales tradiciones” (p. 17).

Importa destacar no início deste artigo que esse nos parece um fato exemplar em termos de pesquisa antropológica, não muito comum no meio acadêmico. Para que nós hoje tivéssemos o privilégio de aceder a uma parte preciosa da mitologia guarani, foi necessário que uma pessoa da dignidade humana e abertura de espírito como León Cadogan assumisse um compromisso vital e histórico com a etnia guarani de tal modo que, depois de um bom tempo, fosse considerado digno de conhecer esses cantos que revelam uma beleza e profundidade espiritual insuperáveis. Por isso, só podemos escutar e tratar de entender esses mitos sagrados se o fizermos com reverência e honesta gratidão.

Além disso, Cadogan assevera que “estos cantos son el fundamento de la religión” dos mbyá-guarani. Sua transcrição do original guarani e depois a tradução para o espanhol procurou guardar da forma mais autêntica possível as narrativas escutadas e escritas por ele, depois compaginadas com outras versões de sábios mbyá, seguidas de importantes notas explicativas que foram publicadas junto com os textos originais. Para Cadogan, somente assim é possível “apreciarse la poesía y la filosofía autóctonas en toda su belleza, toda su profundidad”. Esses cantos são genuinamente autóctones e – para grande surpresa nossa – se constituem numa prova de que “ni el largo contacto con cristianos ni la catequización a que han sido sometidos algunos mbyá por misioneros católicos ha influido en el verdadero pensamiento místico del aborigen” (p. 17). Como boa advertência, todavia, Cadogan informa que sua compilação é uma transcrição *literal* de ditados feitos pelos próprios sábios indígenas, enquanto ele, por sua vez, escolheu aqueles dirigentes que sua experiência indicava como os mais idôneos e dignos de confiança.

Ao finalizar sua palavra ao leitor, Cadogan se permite sublinhar algumas – para ele surpreendentes – analogias que encontrou entre o conteúdo de certos versos desses mitos e algumas tradições de grandes religiões da humanidade. Bem a propósito do espírito poético dos guarani, escreve também que tais descobertas podem ser comparadas ao “alegre grito de sorpresa de quien inesperadamente halla al borde del camino una hermosa flor, o tropieza con

una refulgente joya” (p. 18). Aqui nos encontramos, portanto, com uma das fontes da teologia guarani sobre a criação do mundo e da humanidade.<sup>4</sup>

Queremos destacar ainda que esta profunda experiência humana de respeito e atenção ao *outro* nos pode ensinar uma vez mais a importância da *tradição oral*, algo bem conhecido dos pesquisadores das tradições bíblicas e dos povos do Oriente, apesar do triunfo atual da comunicação globalizada e mesmo da internet. Cremos que ainda por muito tempo somente verdadeiros encontros *humanos* – que podemos chamar de *sagrados* – têm e terão o poder de revelar a nós mesmos as palavras fundamentais da vida, do sentido da vida ou, como dizem os sábios guarani, “las primeras palabras hermosas” (CADOGAN, 1997, p. 15), “palabras del fundamento del lenguaje humano que son las palabras de la sabiduría creadora” (CADOGAN, 1997, p. 33).

A partir de uma escuta atenta e interessada, fizemos um segundo passo que nos parece importante, se levamos em conta a urgência de desafiar as comunidades cristãs para uma postura de diálogo e compromisso com a defesa da vida e dos territórios indígenas. Tentamos estabelecer alguns pontos de convergência e similitudes entre as tradições bíblicas e do povo guarani. Com isto, desejamos contribuir para um aprofundamento do conhecimento mútuo dos fundamentos da palavra sagrada que o criador revelou aos povos do seu amor maior. E assim, desafiar as comunidades cristãs a uma caminhada de solidariedade efetiva com estes povos.

Neste artigo, vamos primeiro apresentar fragmentos do mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai para depois, num segundo passo, estabelecer alguns pontos para o diálogo com a tradição bíblica, de tal modo que, ao final, se possa traçar algumas pautas de mútuo aprendizado e continuidade nessa aproximação às palavras fundamentais, ao sagrado da existência.

## **1 SOBRE O GÊNESIS DOS MBYÁ-GUARANI DO PARAGUAI**

Escutemos, pois, uma pequena parte desses mitos que selecionamos para nosso propósito neste artigo. Trata-se de um fragmento, é verdade, como tal não abarca nem a beleza do conjunto nem tampouco a profundidade do imaginário e da sabedoria indígena. Mesmo assim, arriscamos apresentá-lo desta maneira porque nos parece apropriado como exemplo e como desafio a nossa busca por um novo mundo possível, o qual supõe relações interculturais de profundo respeito e atenção ao *outro*. Esse *outro mundo possível* só terá futuro se nele os povos indígenas de todas as partes tenham lugar para viver, desenvolver sua vida e fazer sua história de forma autônoma e livre. Começemos com o fundamento da linguagem humana, o fundamento da palavra (CADOGAN, 1997, p. 33-41):<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Para um conhecimento mais aprofundado desta teologia, ver Chamorro (2004, 2008).

<sup>5</sup> Como se trata de texto mítico anotado na língua original dos guarani e aqui já traduzido por Cadogan ao espanhol, decidimos manter o espanhol quando se trata dos textos guarani. Por razões de brevidade, selecionamos alguns trechos do segundo capítulo, guardando a coerência do conteúdo. O livro aqui compulsado é bilingue mbyá-espanhol e Cadogan é seu compilador e tradutor. Ao final de cada capítulo, **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 10, n. 16, p. 113-129, jan./jun. 2022

El verdadero padre Ñamandú, el primero,  
de una pequeña porción de su propia divinidad,  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora  
hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina.

Habiéndose erguido,  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
concibió el origen del lenguaje humano.  
De la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
creó nuestro padre el fundamento del lenguaje humano  
e hizo que formara parte de su propia divinidad.  
Antes de existir la tierra,  
en medio de las tinieblas primigenias,  
antes de tenerse conocimiento de las cosas,  
creó aquello que sería el fundamento del lenguaje humano  
e hizo el verdadero primer padre Ñamandú que formara  
parte de su propia divinidad.

Habiendo concebido el origen del futuro lenguaje humano,  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
concibió el fundamento del amor.  
Antes de existir la tierra,  
en medio de las tinieblas primigenias,  
antes de tenerse conocimiento de las cosas,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
el origen del amor lo concibió.

Habiendo creado el fundamento del lenguaje humano,  
habiendo creado una pequeña porción de amor,  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
el origen de un solo himno sagrado lo creó en su soledad.  
Antes de existir la tierra  
en medio de las tinieblas originarias,  
antes de conocerse las cosas  
el origen de un himno sagrado lo creó en su soledad.

[ ... ]

Habiendo reflexionado profundamente  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad  
y en virtud de su sabiduría creadora  
creó a quienes serían compañeros de su divinidad.

Habiendo reflexionado profundamente  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora,  
creó al Ñamandú de corazón grande.

Lo creó simultáneamente con el reflejo de su sabiduría.  
Antes de existir la tierra,  
en medio de las tinieblas originarias  
creó al Ñamandú de corazón grande.  
Para padre de sus futuros numerosos hijos,

para verdadero padre de las almas de sus futuros numerosos hijos  
creó al Ñamandú de corazón grande.

A continuación,  
de la sabiduría contenida en su propia divinidad,  
y en virtud de su sabiduría creadora  
al verdadero padre de los futuros Karái,  
al verdadero padre de los futuros Jakairá,  
al verdadero padre de los futuros Tupã  
les impartió conciencia de la divinidad.

[ ... ]

A continuación,  
el verdadero padre Ñamandú  
para situarse frente a su corazón  
hizo conocedora de la divinidad  
a la futura verdadera madre de los Ñamandú;  
Karái Ru Eté  
hizo conocedora de la divinidad  
a quien se situaría frente a su corazón,  
a la futura verdadera madre de los Karái.  
Jakairá Ru Eté, en la misma manera,  
para situarse frente a su corazón  
hizo conocedora de la divinidad  
a la verdadera madre de los Jakairá.  
Tupã Ru Eté, en la misma manera,  
[ ... ]  
hizo conocedora de la divinidad  
a la verdadera futura madre de los Tupã.

Por haber ellos asimilado  
la sabiduría divina de su propio primer padre;  
después de haber asimilado el lenguaje humano;  
después de haberse inspirado en el amor al prójimo;  
después de haber asimilado las series de palabras del himno sagrado;  
después de haberse inspirado en los fundamentos  
de la sabiduría creadora,  
a ellos también llamamos:  
excelsos verdaderos padres de las palabras-almas;  
excelsas verdaderas madres de las palabras-almas.

[Em seguida, Cadogan transcreve uma oração matutina proferida por todo  
mbyá verdadeiro, o “ortodoxo”, como diz.]

¡Oh, verdadero padre Ñamandú, el primero!  
En tu tierra el Ñamandú de corazón grande  
se yergue simultáneamente  
con el reflejo de su divina sabiduría.  
En virtud de haber tú dispuesto que aquellos a quienes tú proveíste de arcos  
nos irguiésemos,  
es que nosotros volvemos a erguirnos.  
En virtud de ello, palabras indestructibles  
que, en ningún tiempo, sin excepción, se debilitarán,  
nosotros unos pocos huérfanos del paraíso,  
volvemos a pronunciarlas al levantarnos.  
En virtud de ellas, seámos permitido levantarnos repetidas veces:  
¡oh, verdadero padre Ñamandú, el primero!

Para que se possa compreender os comentários que seguem, terminamos esta  
compilação do capítulo dois com um pequeno trecho do capítulo três (CADOGAN, 1997, p.

59), que trata do surgimento da humanidade, isto é, os primeiros verdadeiros pais e as primeiras verdadeiras mães de todos os povos, e ainda a finalidade da vida humana:

Después de estas cosas,  
inspiró el canto sagrado del hombre a los verdaderos primeros padres de sus hijos,  
inspiró el canto sagrado de la mujer a las primeras verdaderas madres de sus hijas,  
para que después de esto, en verdad,  
prosperaran  
quienes se erguirían en gran número en la tierra.

## 2 ANOTAÇÕES A PARTIR DO GÊNESIS MBYÁ-GUARANI

Começamos por destacar alguns pontos a partir deste texto mítico da criação do fundamento da linguagem humana que é, na verdade, um poema da criação da palavra. A palavra surge no mesmo momento da criação do cosmos, dos diferentes seres da criação. Ela faz parte da divindade criadora. A palavra é como um sinal da divindade que Ñamandú, o primeiro pai, doou à humanidade como um bem universal junto com o hino sagrado e os primeiros seres da Terra que ainda estava por ser chamada à existência. Naqueles tempos idos havia somente a divina sabedoria do primeiro pai, chamadas e as trevas originárias. Só mais tarde surge a Terra, o colibri (ou beija-flor) e todos os animais, plantas, a água, e por fim os primeiros verdadeiros pais e as primeiras verdadeiras mães da humanidade. Considerando esses elementos textuais como pano de fundo da narrativa, seguem quatro pontos que nos parecem chaves nesse poema sagrado.

### 2.1 A criação da palavra

Ñamandú, o criador, está presente desde a primeira manhã ancestral. Sua obra primeira é criar o fundamento da linguagem humana, a palavra. Esta palavra ele a criou em sua divina solidão. Chama a atenção que a palavra exige outros seres que se ponham diante do coração do primeiro pai Ñamandú. Surgem então os primeiros seres da criação que são como companheiros e companheiras do criador. São os astros e todos os fenômenos que abarcam o cosmos. Só então o primeiro pai Ñamandú chama a seu lado o ser humano, homem e mulher, os avós de todos nós. É interessante notar que não existe hierarquia entre homem e mulher, ambos se encontram em igualdade de condições diante do criador. Este ser humano é o *ser que vive no tempo*. A cada manhã ele se levanta para reproduzir a vida e voltar a pronunciar as palavras do hino sagrado que são palavras indestrutíveis. Porém, quem conhece estas palavras ou as pode recordar para nós? De acordo com a visão que temos desse poema, se pode dizer que com a humanidade nasce o tempo *histórico* e com ele a responsabilidade humana de fazer que a humanidade prospere de acordo com um bem viver, um viver que permita que todas as pessoas desfrutem da criação como dom a serviço da dignidade da vida mesma. Esta dignidade é intrínseca à humanidade. A

sabedoria de viver tem, portanto, relação com o valor da palavra, do fundamento originário da palavra criadora, com o viver diante do coração do primeiro pai Ñamandú que não quis permanecer em sua divina solidão e por essa razão decidiu criar a palavra, os seres, a primeira Terra, a humanidade. Palavra e criação, palavra como criadora do mundo e do *diálogo* como relação constitutiva da vida. É isso que o poema guarani nos testemunha com incrível lucidez e poesia.

### 2.2 A criação dos seres da natureza

A segunda observação pertinente é o caráter *dialogal* que assume o poema. O criador não quer viver em sua divina solidão. Ele necessita de companhia, de parceiros e parceiras de caminhada. Então, a partir de sua divina sabedoria, passa a criar os seres da natureza, porém não como cópias de si mesmo, mas como realidades que se colocam *diante* de seu coração, quer dizer, seres que podem participar do grande *diálogo* da criação. Quando ele chama os primeiros seres humanos à existência, isto é, os primeiros verdadeiros pais e as primeiras verdadeiras mães dos seres humanos, ele os chama como companheiros e companheiras aptos a cuidar da criação. Esse ser humano é alguém que começa sua vida louvando ao criador, dando a ele graças pela vida, cada dia, graças à vida por poder levantar-se para produzir criativamente a vida comum. O ser humano é um ser que fala, que aprende a dar nome ao que existe, que trabalha, que cria e tudo isso diante do primeiro pai Ñamandú para que não esqueça jamais das palavras indestrutíveis, das palavras criadoras contidas na divina sabedoria criadora.

### 2.3 O fundamento do amor

Depois de haver concebido a origem da futura linguagem humana desde a sabedoria contida em sua divindade, quer dizer, de sua sabedoria criadora, o criador concebeu o *fundamento do amor*. Cadogan explica em uma nota que esse termo quer dizer *amor ao próximo* ou *amor mútuo*. Amor é desde sua origem uma experiência relacional e não mero sentimento. Por isso, a definição aristotélica de ser humano falha, porque o ser humano não é um ser primeiramente social, antes é um ser que ama. É o amor que dá origem a uma sociedade sadia e a relações sociais significativas, formosas, significativas para todas as pessoas. Na compreensão guarani da vida, não há vida autêntica fora de relações amorosas. São essas relações que dignificam a existência, o que significa dizer ao mesmo tempo que tal experiência só se pode dar em uma vida de *comunidade*, isto é, onde a mutualidade possa se realizar a cada momento. Há que recuperar esta compreensão hoje em dia para que outro mundo se torne possível.

### 2.4 A comunidade dos seres humanos

O primeiro pai Ñamandú, o criador, não teme as perguntas humanas. Ele, na verdade, as promove. O criador chama à existência um ser que tem como sua característica primeira a palavra criadora, portanto, é um ser que não somente deve obediência ao criador, mas antes se

torna um *perguntador incansável* e isso como expressão da sabedoria criadora do primeiro pai. Na visão do poema mbyá-guarani o ser humano vive de perguntas e da abertura à grandiosidade da própria criação divina na qual exerce sua divina responsabilidade humana: cuidar da Terra. Tal responsabilidade evidentemente só se pode assumir como *comunidade* de homens e mulheres em relação. Segundo os guarani, não existe um ser humano isolado que apenas viveria *para si*. Assim, no poema se pode perceber uma igualdade de gênero que impressiona, pois desde a origem da humanidade, desde a origem da palavra, aí mesmo estão presentes os primeiros pais e as primeiras mães, homem e mulher, com as mesmas distintas características, com os emblemas da masculinidade e da feminilidade, sem privilégios ou hierarquias. Estas só irão surgir muito depois e é sinal de que algo mudou na história humana, porém ao mesmo tempo significa que nada do que hoje é ou se apresenta tem que ser sempre o mesmo. A história permite mudanças, transformações e estas efetivamente se dão quando se alcança retomar o fundamento da linguagem humana e se tira daí suas consequências.

Qual o significado para a teologia cristã de um poema como esse? Seria um privilégio estabelecer um diálogo respeitoso com os sábios e sábias indígenas para falar da criação, do sentido da vida humana na Terra e da sustentabilidade desse mundo que nos foi dado, sobretudo, se consideramos o fato de que, na visão indígena dos mbyá, não somente a humanidade, mas todos os seres criados são interlocutores do primeiro pai Ñamandú, o criador. No que segue, propomos ao modo de um esboço alguns pontos que nos parecem centrais para um diálogo teológico com a sabedoria guarani. Nós o fazemos desde duas perspectivas: intercultural e bíblico-teológica. Haverá que desenvolver mais adiante cada um dos pontos mencionados, a partir da literatura existente e outras que abordam esses temas. E tal desdobramento necessariamente deverá ser interdisciplinar, intercultural e dialógico.

### **3 PARA UM DIÁLOGO ENTRE A TRADIÇÃO MBYÁ-GUARANI E A TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ**

Nesta parte do texto exercitamos duas maneiras distintas de avaliar e dialogar com o texto guarani. Começamos com uma apreciação mais geral desde a perspectiva intercultural. Em seguida, vamos apresentar uma avaliação bíblico-teológica.

#### **3.1 Perspectiva intercultural**

##### **3.1.1 A importância da palavra criadora**

O texto começa afirmando a importância da palavra criadora. Ela participa da própria autocompreensão da divindade e do ser humano. O evento da criação começa com a origem do fundamento da linguagem humana, isto é, da palavra. Que significa isso hoje em dia? Esse é um ponto crucial da teologia judaico-cristã. Tanto o Gênesis como o prólogo do Evangelho de João são textos nos quais a palavra criadora de Deus, o Verbo, joga um papel central. Aqui temos um

ponto de contato extremamente favorável para um diálogo promissor entre teologia indígena e teologia cristã.<sup>6</sup>

### 3.1.2 O amor e a criação

Tendo o criador concebido a origem da linguagem humana, a origem da palavra, concebeu a origem do amor. Quer dizer, o amor é consubstancial com a criação do mundo, dos seres da natureza e da humanidade. Amor na língua guarani é o mesmo que reciprocidade, amar o outro como a si mesmo. Na expressão guarani, trata-se do amor mútuo. É um termo que expressa uma realidade humana originária. O amor não se basta a si mesmo, é algo profundamente relacional. E significativamente, ele não se resume aos seres humanos, mas abrange todos os demais seres e ambientes da criação, do mundo, portanto. Há que resgatar esse aspecto próprio da compreensão indígena para as relações humanas em nosso mundo atual, técnico-científico, globalizada, mas profundamente fragmentado e desumanizado.<sup>7</sup>

### 3.1.3 O ser humano como criador

O ser humano é companheiro do criador. Esta é sua máxima dignidade. Isso se manifesta a cada manhã ao despertar como se pode verificar na oração matutina dos mbyá. Esta oração nos ajuda a considerar que a relação com o criador não aliena o ser humano, antes o prepara para assumir sua tarefa na vida cotidiana, ordinária. Como diz a última parte do fragmento, inspirados pelo canto sagrado, homens e mulheres estão prontos para prosperar e fazer sua história.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ver Chamorro (2004, p. 205-242), onde a autora trata do pecado na catequese colonial, a redenção do dizer, a restituição da palavra e a soteriologia cristã. É interessante observar que um teólogo tão importante como Jürgen Moltmann (1993) não considera a mitologia dos povos indígenas da América como interlocutores de sua teologia da criação, mirando de modo especial somente para as tradições das grandes religiões do Oriente. Ver, também, Gesché (2004) e Susin (2003).

<sup>7</sup> É sabido que o principal mandamento que Jesus deixou a sua comunidade é o mandamento do amor. Deus é amor e quem confessa sua fé neste Deus deve aprender a amar (1Jo 4). Na teologia da libertação se busca desenvolver a centralidade do amor como chave para a luta histórica por libertação (SUSIN, 2000), especialmente os textos de Jon Sobrino e Enio Mueller. Ver também Míguez Bonino (2000). Mas relações de amor transcendem a teologia porque é uma questão *humana*, profundamente enraizada na própria biologia, como escrevem Maturana e Varela (2001). Sobre o fulcro do conhecimento humano, da reflexividade que conduz ao ato de ver desde uma perspectiva mais ampla, os autores chegam a defender a seguinte tese: “A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo – que sempre implica uma experiência nova – podemos chegar pelo raciocínio ou, mais diretamente, porque alguma circunstância nos leva a ver o *outro* [grifo nosso] como um igual – um ato que habitualmente chamamos de amor. Além do mais, tudo isso nos permite perceber que o amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno biológico no fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando nem fazendo aqui uma prédica de amor. Só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitações do outro, não há fenômeno social” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 268, grifo dos autores).

<sup>8</sup> Aqui temos um tema que é preciso aprofundar na teologia cristã: a teologia da espiritualidade cristã, o tema das relações mútuas, da convivência humana, da oração, a questão da liturgia para refletir sobre **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 10, n. 16, p. 113-129, jan./jun. 2022

### 3.1.4 O ser humano em formação permanente

Importante nesse diálogo com a teologia guarani, a partir do poema analisado, é dar-se conta de que o ser humano é um ser que faz perguntas, que interroga ao criador e à natureza. O ser humano enquanto tal é um ser incompleto, em formação permanente, questionador e que compartilha com a natureza a graça da vida e a urgência de produzir os meios para o bem viver. O que pode significar esta cosmovisão para o mundo globalizado dos nossos dias? Vivemos num mundo que parece ter já todas as respostas e que basta aplicar bem as tecnologias para solucionar nossos problemas. Em certa visão filosófica, já estaríamos vivendo “o fim da história”. Ora, esta maneira de pensar é somente uma forma a mais de nos colocarmos de costas para a história dos povos marginalizados e oprimidos, os que mais sofrem as violências que os desumanizam e matam. Uma teologia que se abra à realidade histórica é uma teologia que levanta perguntas cruciais à humanidade e com ela, especialmente, às comunidades cristãs. É definitivamente uma teologia *pós-colonial*<sup>9</sup> ou até mesmo *decolonial*.<sup>10</sup>

## 3.2 Perspectiva bíblica-teológica

### 3.2.1 Uma premissa necessária

A primeira pergunta que cabe levantar é com qual tradição judaico-cristã queremos dialogar. Pois os textos bíblicos testemunham várias tradições diferentes e até contraditórias, sem esquecer outras tradições extra-bíblicas que vieram aparecendo ao longo da história, tanto no mundo judaico quanto no mundo cristão. É sempre bom lembrar o gesto de indígenas bolivianos que, em 1985 no Peru, “devolveram” a Bíblia ao papa João Paulo II quando de sua visita ao país. E a razão foi clara: ela foi, por longos séculos, instrumento de dominação dos cristãos sobre as populações indígenas.<sup>11</sup>

Devemos, sem nenhuma hesitação, pedir perdão pelo uso que nossas igrejas fizeram dessa palavra. Ainda hoje, a palavra “civilização cristã” está associada a um mundo e a um modelo de civilização, gerador de opressão, de concentração de riquezas, de devastação ambiental e de morte. Foi por defender esse modelo de sociedade que, em seu discurso de posse, o recém-eleito presidente do Brasil em 2018 falou da “nossa tradição judaico-cristã”, portanto, uma visão bastante limitada e equivocada de tal “tradição”. É preciso evitar que a Bíblia –

---

como é possível superar certos fundamentos do culto cristão para que se torne mais vivencial e encarnado na vida cotidiana das pessoas crentes (ZWETSCH, 2008, p. 386-393).

<sup>9</sup> Ver Westhelle (2010). Também para aprofundar esse diálogo com as teologias indígenas da América Latina, ver Estermann (2006).

<sup>10</sup> Ver Cunha (2018). O objetivo do autor é propor uma reflexão da fé cristã em perspectiva decolonial que ele chama de “teologia do reconhecimento”. Nesse sentido, para Cunha é urgente resgatar para o tema tanto a categoria do “reconhecimento” (Hegel e Ricoeur), quanto a pedagogia decolonial de Paulo Freire, pois essas perspectivas teóricas são as que poderão nos orientar “na busca de ações decoloniais para a libertação” (CUNHA, 2018, p. 20).

<sup>11</sup> Disponível em: <http://seeupensar.blogspot.com/2009/10/indios-devolvem-biblia-ao-papa-indios.html>. Acesso em: 25 fev. 2022.

memória sagrada de uma história de vida e de salvação – seja usada para legitimar a morte, a dominação e a devastação.

A primeira página do livro do Gênesis, por exemplo, termina com a bênção de Elohim ao ser humano para que “domine e submeta” a Terra (Gn 1,26-28). Uma interpretação fundamentalista e bem europeia deste “domínio” justificou a propriedade privada, legitimou uma equivocada centralidade do ser humano sobre a natureza e embasou, teologicamente, a chamada “civilização” ocidental no seu afã de explorar a natureza até sua exaustão.

É assim que a “imagem de Deus”, o ser humano, vezes sem conta, tornou-se grileiro de terras, destruidor de florestas, explorador do trabalho escravo e financiador da pistolagem. Um verdadeiro exército devastador e assassino, cuja violência está retratada em todas as páginas da história humana e, de maneira especial, na memória das populações indígenas do nosso continente. Tal violência nada tem a ver com a mensagem bíblica do primeiro capítulo do Gênesis.

### 3.2.2 A criação é a vitória da vida sobre a morte

A partir dessa premissa, vamos querer dialogar com a tradição mbyá-guarani a partir da memória guardada em Gênesis 1, visão gestada e gerada entre mulheres e escravos, o “resto da população da cidade” levado à Babilônia depois da destruição de Jerusalém no século VI antes de Cristo. Os pequenos, indígenas ou hebreus, parecem guardar a mesma memória: são paredes diferentes, mas erguidas com os mesmos tijolos.

O primeiro tijolo é o tijolo das *trevas*. A memória dos guarani, que antes lembramos, nos fala das *trevas originárias ou primigênicas*. É o que nos fala, também, a memória bíblica: antes que tudo começasse a viver, “no princípio [...] as trevas cobriam o abismo” (Gn 1,2). Trevas são símbolo da morte, assim como são símbolos da morte a terra deserta e vazia, e as águas dos abismos.

O criador, nas duas tradições, não é o “motor imóvel” da tradição filosófica helenista que “do nada” fez todas as coisas. É antes o guerreiro vencedor que, desde que tudo começou, vem derrotando as forças caóticas da morte, gerando vida. O mito da criação é a certeza utópica de que a morte não terá mais a última palavra. O mito é o berço da utopia: nunca mais haverá trevas. E quem cantou isso era um povo que vivia nas trevas da opressão, da escravidão, nas trevas do exílio. A busca da “terra sem males” e a construção do “bem viver” são o fruto sonhado de uma longa luta por causa de uma terra cheia de males e do mal. Uma das formas de resistência da gente empobrecida é celebrar a vitória de Elohim sobre a morte. Isto é possível porque ele está acostumado a vencer esta luta desde o princípio.

### 3.2.3 As dez palavras criadoras

Um segundo “tijolo” que aparece nas duas tradições é o tijolo da *palavra*. É a força invencível da palavra criadora que derrota a morte e faz com que ela nunca mais venha a ter a

última palavra: é o que João chamará de “palavra de vida eterna” (Jo 6,68), uma vida que não tem nem nunca terá fim. A tradição guarani põe em destaque que essa palavra é o verdadeiro dom de Ñamandú, o criador, aos pais e mães de todos os viventes; é o que faz dos seres humanos os verdadeiros interlocutores da divindade, falando e perguntando, estabelecendo assim uma relação circular com a divindade e entre nós, sem formas de dominação e de submissão. A tradição bíblica, por sua vez, põe em destaque o poder dessa palavra que faz nascer a vida. Não é por acaso que em Gênesis 1 se manifesta *dez vezes* a palavra criadora: “E Elohim disse” (Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26.28.29). No primeiro dia, essa palavra derrota a força das trevas, no segundo dia são derrotadas as forças das águas do abismo e, no terceiro dia, são vencidas as forças do deserto. Ora, o poder vencedor de Elohim manifesta-se por duas ações que são de vitória e de domínio: Elohim “*separa*” a luz das trevas, as águas de baixo das águas de cima, a terra do mar (Gn 1,4.7.9) e Elohim “*chama*”, dá o nome, com a autoridade de quem conhece e domina: “E Elohim chamou à luz Dia e às trevas chamou noite” (Gn 1.5). “E chamou Elohim à expansão céus” (Gn 1.8). “E chamou Elohim à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares” (Gn 1.10).

Nos outros três dias, Elohim entrega aos seus “servos” o poder de continuar a luta contra a morte em favor da vida. No quarto dia vivem os servos da luz: os “luzeiros”, sol, lua e estrelas, postos no firmamento “para governar ao dia e à noite e separar a luz das trevas” (Gn 1,14-19). É o poder divino repassado aos astros do céu para que as trevas nunca mais dominem a Terra. As águas nunca mais voltarão a dominar a Terra porque elas, a partir do quinto dia, vão “fervilhar de seres animados” (literalmente: *almas vivas*): os peixes do mar e os pássaros do céu são abençoados para poder gerar vida e se multiplicar nas águas e sobre a Terra.

O sexto dia vai ver outras “almas vivas”: são todos os tipos de animais que vão encher a Terra e que, junto com as plantas que começaram a viver na tarde do terceiro dia, vão garantir que nunca mais o deserto de morte continue *mid<sup>o</sup>bar*/sem palavra, como o chama o hebraico. A palavra viva e clara será o *adam*, homem e mulher, imagem e semelhança de Elohim, para que, como ele, submeta, domine e conduza os servos das águas e da terra, nesta permanente ação criadora e recriadora para que as forças da morte nunca triunfem e “todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10), isto até que a segunda morte seja definitivamente derrotada e a vida vença para todo o sempre (Ap 20-22). Essa parte do relato termina de forma magistral. “E Elohim viu que era bom”. Sete vezes os olhos de Deus confirmam que a vida gerada pela palavra criadora é o bem, é o bom (Gênesis 1,4.10.12.18.21.25.31). É o selo de Deus que confirma a vitória da vida sobre a morte.

### 3.2.4 Com Deus, com a Terra e com a mulher

O terceiro tijolo que é comum às duas tradições é o tijolo do *relacionamento*, o que a tradição guarani chama de “*fundamento do amor*”. A segunda parábola do Gênesis bíblico trabalha esse fundamento: o *adam* é filho da Terra e do sopro de Iahweh Elohim. Iahweh é o

nome da presença de Elohim dentro da nossa história, Iahweh é o Elohim que caminha com seu povo, com seu poder de vida e vitória. O sopro de Deus nas narinas de *adam* é a comunicação de “*parte de sua divindade*” como diz a narrativa guarani. É o início de uma relação de encontro, de diálogo, de amor entre a divindade e o *adam*. Colocado no jardim, o *adam* terá de “*servir e obedecer*”<sup>12</sup> o jardim, a mãe Terra da qual foi gerado. Esses dois verbos que, em inúmeros outros textos nos falam da relação do ser humano com Deus, marcam, aqui, a relação com a mãe Terra: são os dois verbos do amor cuidadoso com tudo o que Deus criou para o *adam* habitar nele.

O diálogo de Iahweh Elohim com o *adam* inicia com um alerta: só não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque certamente morrerás (Gn 2,17). A nossa história é o resultado de contínuas escolhas e, no seu amor total, Iahweh Elohim nos indica o caminho da vida: podemos comer dos frutos de todas as árvores do jardim, nada nos é proibido. O limite é o de querer ser como deuses, de sermos os únicos juizes do bem e do mal. Somos “partes da sua divindade”, mas não somos a totalidade de Deus (Sl 8). Ele é o criador-autor da nossa vida e da nossa missão. A ele, nosso pai, assim como à Terra, nossa mãe, devemos “servir e obedecer”.

“Não é bom que o adam viva separado” (Gn 2,18). O poema guarani dizia o mesmo: “*y en virtud de su sabiduría creadora, el origen del amor concibió*”. É preciso que o *adam* tenha alguém diante dele,<sup>13</sup> mas fora de si, que o olhe cara a cara, com quem possa falar e que o auxilie nessa tarefa de ser bom pelo amor. Os seres vivos da Terra e do céu receberão o cuidado do *adam* que a eles dará um nome e, dando-lhes o nome, reconhecerá sua responsabilidade com a vida deles. Mas não encontrou neles alguém com quem dialogar. Então outra pessoa vai ser feita por Iahweh Elohim, a partir do “*lado dele*”. Vai nascer a partir da mesma vida e carne dele: “*esta agora é substância de minha substância, carne de minha carne; esta se chamará `ishah porque do `ish esta foi tirada*”. O *adam* reconhece na mulher alguém como ele. É interessante notar que Gênesis 5,1-2 evidencia que homem e mulher foram chamados por Deus com o mesmo nome: “No dia em que Elohim criou o adam, à semelhança de Elohim o fez. Homem e mulher os criou e os abençoou e chamou o seu nome adam, no dia em que foram criados”. Essa equivalência harmoniosa é colocada em destaque também no poema guarani, pois é a única condição que permite uma relação de amor, sem domínio e submissão. Aliás, o encontro com a mulher leva o homem a superar uma relação que é marcada, também, pela submissão, como é a relação pai-filho, para uma relação tão paritária que os dois serão “*carne uma*”: “*Por isso o `ish abandonará seu pai e sua mãe e se unirá à sua `ishah e serão carne uma*” (Gn 2,24).

---

<sup>12</sup> Esta é a tradução literal dos verbos hebraicos *`abad e shamar*. A tradução grega da *Septuaginta* que não admitia que a natureza fosse animada, preferiu destacar a importância do poder do homem e traduziu com “cultivar e guardar” e nesta tradução beberam as traduções posteriores.

<sup>13</sup> O termo hebraico *neged*, como substantivo, indica o que corresponde ou se opõe; como preposição – que é o nosso caso – pode ser traduzido como *na presença de, diante de*. Por isso, é importante notar que, na sua forma verbal, *nagad* significa *declarar, comunicar, anunciar, denunciar, expor, narrar*. O que Iahweh Elohim quer fazer é alguém que esteja diante do *adam* e fale com ele. Jamais alguém submisso ou escravo.

## Sobre o mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai

Todo o “bom” e todo o “bem” que Deus criou se concretiza nesta imagem singela e, ao mesmo tempo, completa: “*ambos estavam nus o adam e a sua `ishah e não tinham vergonha*”. Era tudo que Deus queria quando disse “não é bom que o adam viva separado”: dois amantes nus no jardim, sendo uma só carne, sem mais nada a separá-los e sem culpa nenhuma!

A ellos también llamamos:  
excelsos verdaderos padres de las palabras-almas;  
excelsas verdaderas madres de las palabras-almas.<sup>14</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa bíblica não termina com essa linda imagem. A memória histórica de longos séculos de lutas, contradições, abusos, pesa e obriga a reler os mitos fundantes. Se conhecemos a origem do “bom”, precisamos então conhecer a origem do “mal”, a origem das relações quebradas, hoje marcadas pela dominação, pela concupiscência, pela morte, cuja experiência fazemos todos os dias. E a origem/gênese do mal está no permanente desejo, presente em todas(os) nós, de “ser como Elohim, conhecedores do bem e do mal”. É a insinuação diabólica que Deus nos colocou limites, não por nosso amor, mas por um profundo ciúme. A relação deixa de ser de amor. Os nossos olhos, agora abertos, enxergam a nudez como vergonha que deve ser coberta com folhas de figueira. O *adam* e sua *ishah* se escondem entre as árvores ao ouvir a voz de Iahweh Elohim que passeava pelo jardim com o espírito. “*Onde estás?*” A Iahweh Elohim que o chama, o *adam* responde: “ouvi tua voz e tive medo, porque estou nu”. O medo e a vergonha abafam o amor e a confiança. Talvez tudo teria sido diferente se os dois tivessem dito: desculpa, erramos. Mas não. A reciprocidade desapareceu: foi a mulher que me deste! Foi a serpente que me seduziu! É sempre culpa do *outro* e, no fim, culpa de Deus!

Colocar nosso desejo de fazer o que nos apraz acima de tudo e, ao mesmo tempo, deixar de assumir nossos erros são as raízes, a gênese do mal. O “mal” se concretiza na eterna inimizade entre a serpente e a mulher e suas descendências: a história de todas as sociedades será marcada pela sedução satânica contra a qual devemos lutar até os últimos dias de nossa vida e na qual, com a força sempre presente de Deus, não devemos cair. A “inimizade” atravessará as relações entre o *adam* e a sua *ishah*: dor para gerar mais vida, fadiga para gerar mais frutos da terra “maldita” e, entre os dois seres, desejo, atração, domínio: a “carne uma” voltou a ser duas carnes que se desejam, se buscam, se atraem, mas nem sempre sabem se amar até o fim. Quanta violência entre o homem e a mulher; quantos abusos, estupros, e até mortes.

A história testemunhará a presença insana e violenta de pessoas que se farão “*iguais a Elohim*”: serão reis, sacerdotes, pastores, maridos, patrões. Chamar-se-ão ungidos, enviados, representantes sagrados, mediadores, e manterão, muitas vezes em nome de Deus, a dominação, a exploração, a opressão e a morte. A tentação de sermos os “maiores” estará sempre presente

---

<sup>14</sup> Poema guarani.

em nossas comunidades, igrejas, sociedades e nações. E sempre ressoará entre nós o alerta de Jesus: “Entre vós, porém, não será assim: todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo; e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos” (Mc 10,43-45).

A única chance para voltar a ter vida é se “humilhar”, manter-se grudados ao *húmus*, ao chão, vencendo a tentação de ocupar o céu. Precisamos nos “converter/*shub*” à terra da qual fomos tirados, ao pó do qual fomos feitos: “porque tu és pó e ao pó vais te converter”. Não é uma palavra de morte: é a chance de voltar a ter vida. Só agora o *adam* pode dar o nome a sua *ishah*. “E o *Adam* chamou sua *ishah* *vida/Eva* porque é a mãe de todos os que vivem” (Gn 3,19-20).

A vida recomeça, mesmo fora do jardim, e Iahweh Elohim andarará sempre conosco e cuidará de todas(os) nós. A ele suplicaremos sempre: “*Não nos faça entrar na tentação, mas livra-nos do maligno*”.

A narrativa guarani também celebra conosco e com estas palavras indestrutíveis terminamos, rogando para que nos tornemos junto com este povo, como pequenos órfãos do paraíso, irmãos e irmãs da caminhada pela vida:

Es que nosotros volvemos a erguirnos.  
En virtud de ello, palabras indestructibles  
que, en ningún tiempo, sin excepción, se debilitarán,  
nosotros unos pocos huérfanos del paraíso,  
volvemos a pronunciarlas al levantarnos.  
En virtud de ellas, seános permitido levantarnos repetidas veces:  
¡oh, verdadero padre Ñamandú, el primero!<sup>15</sup> ✨

## REFERÊNCIAS

CADOGAN, León. **Ayvu rapyta**: textos míticos de los mbyá-guaraní del Guairá. 3. ed. Assunção: Fundación León Cadogan; CEADUC; CEPAG, 1997.

CHAMORRO, Graciela. **Teología guaraní**. Quito: Abya Yala, 2004.

CHAMORRO, Graciela. **Terra madura, yvy araguayje**: fundamentos da palavra guarani. Dourados: EdUFGD, 2008.

CUNHA, Carlos. **Provocações decoloniais à teologia cristã**. São Paulo: Terceira Via, 2017.

ESTERMANN, Josef (Coord.). **Teología andina**: el tejido diverso de la fe indígena. La Paz: ISEAT; Plural, 2006. v. 1.

ESTERMANN, Josef (Coord.). **Teología andina**: el tejido diverso de la fe indígena. La Paz: ISEAT; Plural, 2006. v. 2.

GESCHÉ, Adolphe. **O cosmo**. São Paulo: Paulinas, 2004.

---

<sup>15</sup> Poema guarani.

## Sobre o mito de criação dos mbyá-guarani do Paraguai

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Palas Athena, 2001.

MÍGUEZ BONINO, José. **Ama y haz lo quieras: una ética para el hombre nuevo.** Buenos Aires: America, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação.** Petrópolis: Vozes, 1993.

SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2003.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina – prospectivas.** São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: SOTER, 2000.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.) **Teologia para outro mundo possível.** São Paulo: Paulinas, 2006.

WESTHELLE, Vítor. **After heresy: colonial practices and post-colonial theologies.** Eugene: Cascade Books, 2010.

Recebido em: 28/02/2022.

Aceito em: 14/06/2022.